

## 2. História da profissão docente e das instituições escolares.

Neste estudo apresento o perfil da professora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), Josefina Leite Campos e ainda deixo aflorar, nesse perfil, o seu livro didático de **Geografia de Sergipe**, produzido em 1967, destinado ao ensino primário.

A hipótese que norteia esse trabalho é que a produção da Geografia de Sergipe da professora Josefina Leite Campos representou uma ruptura do modelo de ensino que, durante muitos anos, se deu com base no estudo de “Corografias”, que eram descrições de cidades, estados, regiões.

As fontes que forneceram informações para elaboração deste estudo compõem um corpo documental diversificado: jornais da época, inventários, entrevistas. Para compor o seu perfil foi importante ainda a leitura de sua obra, a realização de entrevistas com familiares e amigos da professora Josefina (falecida), pesquisa nas bibliotecas públicas e particulares, Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe e no Arquivo do Judiciário.

O livro de Geografia de Sergipe produzido pela professora Josefina Leite Campos é focalizado em um conjunto de práticas escolares que contribuíram para a formação dos escolares sergipanos. Vale enfatizar que o livro didático desempenha um papel importante, impõe uma ordem, decifra e vulgariza os discursos disciplinares. O impresso didático “além de contemplar a prescrição curricular oficial, constitui uma manifestação material e concreta do saber transformado para fins didáticos. Afora isso, oferece um ordenamento aos conteúdos e sugere diversas atividades pedagógicas para se trabalhar tais conteúdos”<sup>2</sup>. Sob tal perspectiva, o conceito de livro didático é tomado aqui a partir de autores que o consideram “como objeto material, diferente de outros tipos de escritos, cuja coerência e completude resultam de uma intenção intelectual ou estética”<sup>3</sup>.

As pessoas entrevistadas lembraram o passado e construíram representações dessa personagem da história. O conceito de representação pode ser entendido em dois

---

<sup>1</sup>Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe e Mestre em Educação pela mesma Instituição. Técnica em Assuntos Educacionais da UFS, integrante do grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares do Núcleo de Pós-graduação em Educação da UFS, coordenado pelo prof. Dr Jorge Carvalho do Nascimento. Professora do curso de Pedagogia e Letras da Faculdade Atlântico.

<sup>2</sup>Cf. WUO, 2003, p. 308.

<sup>3</sup>CHARTIER, 1999, p. 8.

sentidos: “como instrumento de um conhecimento mediato que faz um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é” ou “como relação simbólica que consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais”<sup>4</sup>. As representações construídas a partir da rememoração são atos de intervenções no caos das imagens guardadas “(...) É também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar – ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos, “fingindo” abarcar toda uma vida”<sup>5</sup>. Assim, os familiares e amigos contatados para a entrevista sobre a professora Campos disseram que seria um prazer rememorar momentos tão importantes de sua vida.

Desse modo, Maluf afirma que a recordação é por natureza construtiva “(...) a elaboração de imagens mnemônicas para revelar momentos marcantes na história de uma vida é o resultado de um ponto de observação presente, que julga e seleciona fatos pretéritos”<sup>6</sup>. Foi a partir do tempo presente e do lugar que ela ocupa na sociedade sergipana que Clara Resende selecionou e revelou o tempo vivido com a sua irmã Campos.

Diante do exposto, não se pretende construir um registro apologético dessa personagem da História, encobrendo-se dessa forma os mecanismos reais que mostram a participação dessa intelectual na vida social sergipana. Os intelectuais não são entidades autônomas que sobrevivem isoladamente da sociedade; muito pelo contrário, estão a ela ligados, especialmente pelos laços políticos, que lhes conferem identidade. Nesse particular é importante verificar a posição que os intelectuais e os artistas ocupam na estrutura da classe dirigente. Nessa direção Bourdieu propõe “(...) uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual”<sup>7</sup>. Já Sirinelli propõe duas acepções do termo intelectual considerando o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição do termo:

(...) uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro

---

<sup>4</sup>CHARTIER, 1990, p. 20.

<sup>5</sup>MALUF, 1995, p. 29.

<sup>6</sup>Idem, p. 76.

<sup>7</sup>BOURDIEU, 1982, p. 191.

caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto posta-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura<sup>8</sup>.

Partindo dessa reflexão, considera-se que a professora Josefina Leite Campos foi uma pessoa singular, mas como afirmou Ginzburg, esta “(...) singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe (...)”<sup>9</sup>.

Faleceu no dia 18 de março de 1969, aos quarenta anos, num momento em que “(...) firmava seu referencial teórico-metodológico e definia sua linha de pesquisa, vê-se obrigada a interrompê-la vencida pela doença, contra a qual insistentemente lutou, mas que a reduziu paulatina e inexoravelmente à paralisia e afinal, a morte em 1969”<sup>10</sup>.

Filha do médico Sílvio César Leite e Guiomar Sampaio Leite, Josefina nasceu no dia 6 de agosto de 1928, no engenho Canaan, situado no município de Riachuelo, localizado na parte central do Estado de Sergipe. Seus avós paternos e maternos foram grandes proprietários de terra e tiveram um passado político de prestígio no âmbito local e estadual. Originária de uma família tradicional, Josefina Campos viveu a sua infância num ambiente de letrados, políticos e coronéis. Conforme a entrevista realizada com a sua irmã, Clara Rezende, o relacionamento de Campos com a família era de grande afinidade:

A relação de Josefina com meu pai era de grande afinidade. Ele admirava sua inteligência e investia muito no seu desenvolvimento. Tenho informação de que ele assistia aos noticiários da Segunda Grande Guerra Mundial e comentava em seguida os episódios tornando-a conhecedora dos acontecimentos históricos. Com minha mãe o relacionamento dela era de carinho e proteção. O relacionamento com os seus irmãos mais novos era o de irmã mais velha que se preocupava com todos, após o falecimento de meu pai, que a deixou com 15 anos. Penso que tinha mais afinidade com Elisa Silvia, mais nova um ano e sua companheira. Tinha muita afinidade também com os irmãos mais velhos, Leite Neto, José Rollemberg Leite e Gonçalo Rollemberg Leite<sup>11</sup>.

Os nomes acima citados são de intelectuais sergipanos que atuaram em diversos campos, inclusive na política, a exemplo de José Rollemberg Leite, foi eleito Governador do Estado de Sergipe nas eleições de 19 de janeiro de 1947, e de Gonçalo Rollemberg Leite, professor da antiga FAFI e da Universidade Federal de Sergipe. Os tios da

---

<sup>8</sup>SIRINELLI, 1996, p. 242.

<sup>9</sup>GINZBURG, 1987, p. 27.

<sup>10</sup>DANTAS, 1982, p. 9.

<sup>11</sup>REZENDE, Clara Leite. 2003. Entrevista concedida a autora em 19 de maio de 2003.

Professora Josefina foram intelectuais notórios e homens de prestígio no interior da classe dirigente, como o médico Augusto César Leite<sup>12</sup>, considerado o pioneiro da cirurgia em Sergipe, Júlio César Leite<sup>13</sup>, esteve à frente de uma grande casa bancária, o Banco Mercantil Sergipense. O pai de Josefina Leite Campos, Augusto César Leite, exerceu a medicina em Riachuelo e foi nomeado delegado de higiene em 1917.

A condição social de sua família lhe proporcionou uma educação esmerada, geralmente comum a uma jovem da classe dominante, estudando nos melhores colégios da época: o curso fundamental foi feito no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, e o curso ginásial no Colégio Nossa Senhora das Mercês, em Salvador. Iniciou o secundário em 1944, na Escola Técnica de Comércio Feminino da Bahia, onde cursou até o final da segunda série do curso de Contabilidade em 1945, quando pediu transferência para Aracaju, terminando o seu curso na escola Técnica de Comércio de Sergipe, em dezembro de 1946.

A década de 1950, para Josefina Campos, representou a sua ascensão intelectual e o ingresso na carreira profissional. Com média geral de 7,3<sup>14</sup>, foi aprovada e assim, ingressou nos estudos superiores, juntamente com as colegas: Maria Clara Vieira de Faro Passos, Elisete Oliveira Andrade, Gildete Santos Lisboa, Dantas Sampaio, Elisete Batista Nogueira, Magnoria de Nasareth Magno, constituindo a primeira turma do curso de Geografia e História da recém-criada Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Antes de concluir o curso superior, em 1952<sup>15</sup>, Josefina foi indicada, juntamente com outras alunas da faculdade, pelo seu diretor, Padre Luciano Cabral Duarte, para

---

<sup>12</sup>Augusto César Leite, cursou a faculdade de medicina No Rio de Janeiro e formou-se em 1908. “Na vida de Augusto Leite, acrescenta Garcia Moreno, o pioneirismo tem dupla feição: regional e nacional. A criação da cirurgia no Hospital Santa Isabel e a Fundação do Hospital de Cirurgia, da Maternidade Francino Melo, do Hospital Infantil e a escola de Enfermagem são obras, absolutamente vanguardistas, no setor médico-assistencial de Sergipe. Por si sós, valem o respeito que devemos a Augusto Leite, e asseguram a permanência de seu nome na história da medicina”. p. 15. Nessa memória o autor compara o médico sergipano com o médico francês Pasteur: “Do mesmo modo que em Pasteur, percebe-se em Augusto Leite o mesmo feitio moral; a mesma nobreza de sentimento; a mesma fé inquebrantável na ciência. Tal como no gênio francês, no grande cirurgião sergipano deparamos o mesmo ardor no trabalho, a mesma preocupação de bem-fazer, a mesma probidade profissional; em suma, a mesma simplicidade e humildade próprias dos grandes espíritos, dos homens representativos da humanidade”. p. 75. Cf. ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Augusto Leite**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1974.

<sup>13</sup>Júlio César Leite, membro de ilustre família sergipana, possui nesta Capital e em todo o Estado um grande círculo de amizades. Foi na escola de Direito, onde fez o curso, um aluno laureado, tendo obtido em todos os anos notas as mais distintas. Surgindo de nos quadrantes da jurisprudência, eil-o como juiz da nossa mais alta corte de Justiça Eleitoral do Estado, onde tem posição de real destaque como um dos magistrados íntegros daquele Tribunal. Cf. BARRETO, Armando. Cadastro de Sergipe. p. 198.

<sup>14</sup>FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata Geral do concurso de habilitação ao curso de Geografia e História. Aracaju 16 a 19 de março de 1951. Arquivo Central da UFS.

<sup>15</sup>DUARTE, Pe. Luciano Duarte. Carta para Adalberto Sena. Aracaju, 19 de setembro de 1952. Arquivo Central da UFS.

lecionar nos ginásios de Aracaju. Em 17 de março de 1955 recebeu o grau de Licenciada em Geografia e História pela FAFI. “Tinha especial vocação para o ensino, que exerceu desde muito jovem, ministrando aulas de história nos ginásios e científicos e depois na Faculdade de Filosofia de Sergipe”.

Em 1957, casou-se<sup>16</sup> com o advogado Adroaldo Campos Filho, com quem teve uma filha. Mulher de hábitos refinados, a professora Josefina Campos tinha muitos amigos: “Carmem Dolores Duarte, Wanda dos Santos Andrade, Aurélia Leite Rollemberg, Acácia Cruz, seus irmãos e muitos outros. Costumava visitar com frequência seus irmãos casados, as pessoas idosas da família e os amigos mais chegados”<sup>17</sup>. No catolicismo tinha amizades junto ao alto clero.

Em 13 de fevereiro de 1960<sup>18</sup>, o professor Felte Bezerra comunicou oficialmente ao Conselho Técnico Administrativo da FAFI o seu afastamento definitivo de Aracaju, deixando vagas duas cadeiras que ocupava no curso de Geografia e História: Antropologia e Etnografia. Ainda nessa reunião o diretor da FAFI, padre Luciano Duarte, “sugeriu aos presentes os nomes do Dr. Nestor Piva e o da professora Josefina Campos, para ocuparem, respectivamente, as cadeiras de Antropologia e Etnografia”<sup>19</sup>. A referida sugestão foi acatada e na 14ª reunião<sup>20</sup> da congregação de professores da FAFI, o seu diretor apresentou os novos professores contratados. Josefina Campos assumiu o lugar daquele professor dando “(...) continuidade ao estudo e à pesquisa na área de Antropologia. Passou a integrar o corpo docente da escola, ensinando Etnologia do Brasil e Antropologia Cultural”<sup>21</sup>. Compreende-se essa situação não somente pela rede de relações estabelecidas em torno da família de Josefina, mas também pelo fato de ela ser aluna exemplar, fruto de um amplo investimento em capital cultural. Nesse particular, Miceli argumenta que “(...) a cooptação das novas categorias de intelectuais continua dependente do capital de relações sociais, mas passa cada vez mais a sofrer a mediação trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto maior quanto mais se acentua a concorrência no interior do campo intelectual”<sup>22</sup>.

---

<sup>16</sup>ESTADO DE SERGIPE. ARQUIVO GERAL DO PODER JUDICIÁRIO. Inventário de Josefina Leite Campos. 14 de abril de 1969. Aracaju, Cartório do 2º Ofício. Caixa 134, doc. 2.441. Arquivo Geral do Poder Judiciário.

<sup>17</sup>REZENDE, Clara Leite. Entrevista concedida a autora em 19 de maio de 2003.

<sup>18</sup>FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 29ª reunião do Conselho Técnico Administrativo da FAFI. Aracaju, 13 de fevereiro de 1960. Arquivo Central da UFS.

<sup>19</sup>FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 29ª reunião do Conselho Técnico Administrativo da FAFI. Aracaju, 13 de fevereiro de 1960. Arquivo Central da UFS.

<sup>20</sup>FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 14ª reunião da Congregação de professores da FAFI. Aracaju, 5 de março de 1960. Arquivo Central da UFS.

<sup>21</sup>DANTAS, 1982, p. 9.

<sup>22</sup>MICELI, 2001, p. 79.

O estudo da professora Beatriz Dantas, sobre a trajetória do ensino da Antropologia em Sergipe, revelou uma preocupação constante de Josefina Campos, como professora de Antropologia: “iniciar os alunos em trabalho de campo, preocupação que era acompanhada pelo esforço de conhecer a realidade cultural de Sergipe”<sup>23</sup>. Sob esse prisma, as suas aulas provocavam os pais dos alunos:

Suas aulas em centro de culto “afro-brasileiros” eram um desafio aos preconceitos dos alunos e, sobretudo, dos pais dos alunos, que viam com receio e desconfianças essas visitas feitas aos terreiros de xangô, ainda muito estigmatizados, muito embora freqüentados furtivamente pela classe média através do esquema de consultas.

Deste modo, reuniu dados etnográficos e históricos importantes que não chegaram a ser publicados, sobre antigos terreiros de xangô de Sergipe. Percebia porém que o preconceito contra as religiões “afro-brasileiras” era apenas uma forma de manifestação do preconceito mais amplo contra o negro, tema que se constitui no cerne de suas preocupações. A tentativa de desmistificá-lo era uma constante em suas aulas e é sistematicamente refletida num ensaio que enfoca a significação das diferenças raciais<sup>24</sup>.

Josefina Campos lia muito e os seus documentos e livros ficaram com o seu esposo, que os doou à Biblioteca Pública Epifâneo Dórea, à Universidade Federal de Sergipe e a particulares.

Josefina tinha uma leitura muito variada desde os assuntos relacionados com as matérias que ensinava, Antropologia, Historia, Geografia etc. até os clássicos da literatura especialmente da Portuguesa como Eça de Queiroz, Machado de Assis, Humberto de Campos, Gustavo Corção, os filósofos cristãos etc<sup>25</sup>.

Embora não se tenha feito um estudo detalhado acerca dos livros de Josefina Campos, é importante mencionar que eles revelam a experiência acadêmica e literária da leitora. Sob o olhar de Chartier<sup>26</sup>, os livros são vistos como produtores de um universo de inter-relações humanas que se estabelecem a partir das diversas e variáveis maneiras de se abordar a arte da leitura.

As representações construídas pelas entrevistadas mostram que a professora Campos pertenceu a um grupo de intelectuais como Silvério Fontes, Carmelita Fontes, Fernando Porto, Dr. Rabelo Leite, que se reuniam uma vez por mês, aos sábados, no salão Paroquial São José. Liam e discutiam muitos assuntos, inclusive religião.

---

<sup>23</sup>DANTAS, 1982, p. 9.

<sup>24</sup>Idem, *ibidem*.

<sup>25</sup>REZENDE, Clara Leite. Entrevista concedida a autora em 19 de maio de 2003.

<sup>26</sup>Cf. CHARTIER, 1999.

Esse contexto merece ser analisado por Sirinelli, que diz: “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”<sup>27</sup>.

Até 1968, ainda encontraram-se, nas cadernetas da FAFI os registros de sua atuação como professora da faculdade, ensinando, além das disciplinas já citadas a Prática de Ensino de História e Geografia. Admitindo os efeitos provocados pela doença, Josefina Campos foi obrigada a se afastar do magistério, cerceando dessa forma a sua trajetória profissional: “a doença foi se manifestando aos poucos. Afetou a fala, aí ela parou de ensinar”<sup>28</sup>. Entretanto, a doença não cerceou sua atividade intelectual; continuou produzindo mesmo em cadeira de rodas e, com a fala pouco compreensível, ditou para a amiga Wanda Andrade a sua **Geografia de Sergipe**, para o curso primário, pois somente ela conseguia compreender a sua fala.

A idéia de escrever o livro didático **Geografia de Sergipe** não partiu especificamente da autora e sim do Secretário da Educação, Dr. Luiz Rabelo Leite, que em 1963, ao fazer uma avaliação do ensino no Estado, detectou que o conteúdo referente a Sergipe não era ensinado em nossas escolas e reconheceu a importância de estudar os aspectos geográficos de Sergipe. Solicitou a elaboração de uma Geografia, destinada aos alunos das últimas séries do curso primário. Para a realização desse intento, Luiz Rabelo Leite dirigiu-se a dois professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: Josefina Leite Campos e a Fernando Figueiredo Porto. Porém, “motivos vários impediram a rápida terminação do trabalho. Inclusive o Dr. Luiz Rabelo Leite deixou a Secretaria de Educação. É oportuno ressaltar que em 1962 a professora já tinha publicado um livro intitulado: **Estudo sobre as significações das diferenças raciais**”<sup>29</sup>.

Na entrevista<sup>30</sup>, Wanda Andrade mencionou que Josefina Campos discutiu muito a sua **Geografia de Sergipe**, inclusive os conceitos, com o professor Fernando Porto. O referido livro saiu em 1967, e muito embora não revele a sua co-autoria, é importante mencionar que o nome do professor Fernando Porto apareceu como autor, ou colaborador, nas representações que os jornais sergipanos construíram naquele momento, acerca da referida obra: “(...) Geografia de Sergipe” é uma obra de parceria entre dois intelectuais da

---

<sup>27</sup>SIRINELLI, 1998, p. 248.

<sup>28</sup>ANDRADE Wanda Maria dos Santos. Entrevista concedida a autora em 25 de agosto de 2003.

<sup>29</sup>FONTES, 1969, p. 10.

<sup>30</sup>ANDRADE, Wanda Maria dos Santos. Entrevista concedida a autora em 25 de agosto de 2003.

maior projeção do nosso Estado: Professôra Josefina e Prof. Fernando Pôrto. Ambos lecionam na Faculdade de Filosofia de Sergipe”<sup>31</sup>.

Essa Geografia teve uma grande repercussão na imprensa local e no Conselho Estadual de Educação, que lhe teceu vários elogios, por ser uma obra de alto nível para o ensino primário. Foi publicada em 1967, com 65 páginas, impressa pela Livraria Regina, para as crianças do Estado que, ao utilizá-lo como didático, iriam descobrir a sua terra, desde os primeiros anos de escolaridade.

Em relação à maneira de ensinar, Josefina Campos detalhou: “A geografia tem sido ensinada através da memorização de uma infinidade de acidentes geográficos, tornando-se um verdadeiro pesadelo, tanto para a criança como para o adolescente”<sup>32</sup>. Segundo a professora, os conteúdos ensinados eram distantes da realidade dos alunos, por isso que estudar Geografia causava tanto desinteresse. Josefina Campos continuou mostrando como a Geografia deveria ser ensinada, sem perder de vista o seu propósito: “desenvolver no aluno o entendimento de que os fenômenos geográficos são produtos de um processo de evolução que nunca pára, que assim ensinada a Geografia poderá contribuir para a formação dos nossos jovens”<sup>33</sup>. Destacou também a professora a importância do papel do professor, que deve repassar os conteúdos geográficos priorizando a Geografia Geral para depois se estudar a Geografia Regional. Assim o aluno perceberá a paisagem geográfica como um todo formado de elementos interrelacionados que funcionam harmonicamente<sup>34</sup>.

O livro de Josefina Campos, segundo a sua própria avaliação em torno do ensino da disciplina Geografia, feita no jornal **A Cruzada**, mostra que iria propor uma mudança significativa no ensino dessa disciplina, em Sergipe. Acredita-se que esse livro representou uma ruptura do modelo de ensino que, durante muitos anos, se deu com base no estudo de Corografias, que eram descrições de cidades, Estados, regiões.

O livro de Campos foi divisor de águas na história do ensino da disciplina, pois a partir da sua publicação foram “(...) lançadas as bases para que o currículo escolar em Sergipe perca o caráter abstrato, vazio, que aliena o homem sergipano do seu próprio ser”<sup>35</sup>. A nova proposta de conteúdo foi anunciada como sendo de renovação do ensino da Geografia que, no entendimento da professora, era urgente modificar, considerando a

---

<sup>31</sup>GAZETA DE SERGIPE. Aracaju, 28 de fevereiro de 1967. p. 6.

<sup>32</sup>A CRUZADA. Aracaju, 9 de setembro de 1967. p. 2 - 9.

<sup>33</sup>Cf. CHARTIER, 2002, p. 110.

<sup>33</sup>Cf. CHARTIER, 1999.

<sup>33</sup>Idem, ibidem. p. 8.

<sup>34</sup>A CRUZADA. Aracaju, 9 de setembro de 1967. p. 2 - 9.

<sup>35</sup>FONTES, 1969, p. 10.

forma pela qual essa disciplina era ensinada nas escolas, deixando o aluno “(...) com a impressão de que o mundo é estático, formado de elementos independentes um dos outros<sup>36</sup>”.

Finalizando essa análise o livro da professora Josefina Leite Campos apresentou um conteúdo mostrando que os fenômenos geográficos não são estáticos e que os rios, relevo, clima, vegetação têm importância para a vida do homem. Assim, rompeu com o modelo tradicional de ensino da Geografia e propôs modificação de comportamentos numa época em que o ensino da disciplina era dissociado da realidade do aluno. Sugeriu aos professores que o ensino da matéria deveria partir do geral para o particular, mostrando aos alunos que os fenômenos geográficos estão interrelacionados, sendo fruto de um processo de evolução que nunca pára.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Augusto Leite**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Economia da trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

CAMPOS, Josefina Leite. 1967. **Geografia de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1967.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

———. Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.

DANTAS, Beatriz Góis. **O ensino da Antropologia em Sergipe**. Trabalho apresentado na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo, abril de 1982. (mimeo).

FONTES, José Silvério Leite. “Prefácio”. In: CAMPOS, Josefina Leite. **Geografia de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina. 1969.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. “As Elites Culturais”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

Cf. WUO, Wagner. “O ensino da Física na perspectiva do livro didático”. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer Ranzi. (Orgs.). **História das**

---

<sup>36</sup>A CRUZADA. Aracaju, 9 de setembro de 1967. p. 2 e 9.

**disciplinas escolares no Brasil:** contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

#### JORNAIS PESQUISADOS

Diário de Aracaju:1966, 1967.

Gazeta de Sergipe:1966, 1967.

A Cruzada: 1966, 1967.

#### ENTREVISTAS

ANDRADE, Wanda Maria dos Santos. Entrevista concedida a autora em 25 de agosto de 2003.

REZENDE, Clara Leite. Entrevista concedida a autora em 19 de maio de 2003.

#### FONTES MANUSCRITAS

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata Geral do concurso de habilitação ao curso de Geografia e História. Aracaju 16 a 19 de março de 1951. Arquivo Central da UFS.

DUARTE, Pe. Luciano Duarte. 1952. Carta para Adalberto Sena. Aracaju, 19 de setembro de 1952. Arquivo Central da UFS.

ESTADO DE SERGIPE. ARQUIVO GERAL DO PODER JUDICIÁRIO. Inventário de Josefina Leite Campos. 14 de abril de 1969. Aracaju, Cartório do 2º Ofício. Caixa 134, doc. 2.441. Arquivo Geral do Poder Judiciário.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 29ª reunião do Conselho Técnico Administrativo da FAFI. Aracaju, 13 de fevereiro de 1960. Arquivo Central da UFS.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da 14ª reunião da Congregação de professores da FAFI. Aracaju, 5 de março de 1960. Arquivo Central da UFS.